

## MOSTEIRO DE SANTA MARIA DE S. CLÓDIO DE LEIRO

Após a visita ao núcleo do bairro judío, a testemunhos do românico e a Atafona da Herminia, em Ribadavia, podemos seguir para o conjunto monacal de Santa Maria de S. Clódio de Leiro.

Atravessámos a zona olhando a paisagem belamente composta pelas cepas alinhadas e produtoras do saboroso vinho denominado do Ribeiro.

Tem consistência a atribuição da difusão da cultura da vinha aos monges do Mosteiro do Leiro.

O conjunto monacal de S. Clódio de Leiro foi no princípio formado por monges beneditinos, que abraçaram a reforma de cister em 1151.

A fachada conserva as formas dos templos cistercienses, muito semelhante aos de Meira e Armenteira.

Passando pela portaria chega-se ao claustro que comunica com a igreja e a escada principal do mosteiro.

Deixe-se levar pela beleza dos seus claustros barrocos e renascentistas.



Na actualidade funciona no conjunto monacal um Hotel Monumento de Galicia.

Saboreie a gastronomia tradicional e aprecie a tranquilidade dos espaços, onde viveram figuras contemplativas seguindo o lema ora et labora.

A igreja manifesta a tipicidade das construções cistercienses dos fins do século XIII.

A última comunidade de monges beneditinos veio a instalar-se em 1891.

## MOSTEIRO DE SANTA MARIA DE OSEIRA

O Mosteiro de Santa Maria de Oseira é o clímax da Rota Cisterciense Alto-Minho – Galiza.

Aí compreendemos o que é uma paisagem "dos homens residentes em território do infinito."

O conjunto monacal é considerado o Escorial Galego.

O carvalhal, o rio Oseira, os prados verdejantes e os testemunhos das pedras trabalhadas conduzem-nos por séculos de história, onde a quietude



e o silêncio só é quebrado pelo murmúrio das águas, por um passarinho que canta maviosamente ou pelos timbres da sineta da portaria.

Aproximados da entrada principal, por vezes ouvimos entoar as horas canónicas, com vozes de monges anciãos, adultos na mística dum tempo sem tempo.

São vozes e sons de espiritualidade, de paz e universalidade.

Os monges de cister, mestres especializados na escolha de lugares adequados para colocar os seus mosteiros, souberam conjugar admiravelmente em Oseira três características: beleza da paisagem, abundância de águas cristalinas e clima suave.

Em 1141 uma colónia de monges, enviada de Claraval pelo próprio S. Bernardo, chegava a Oseira, trazendo no seu haver uma considerável bagagem de experiências nos caminhos de Deus, assim como no campo da cultura e do trabalho agrícola.

Os visitantes devem contemplar o interior do templo de planta de cruz latina. A charola é a parte mais bela e artística do templo. No arco central da grande colunata que rodeia a capela-mor, colocou-se a imagem de Santa Maria La Real de Oseira, vulgarmente conhecida por Virgem do Leite, preciosa talha românica de pedra policromada pertencente aos primeiros tempos da fundação.

A sala capitular ocupa o lugar tradicional nos mosteiros de cister, a seguir à sacristia.

O Pátio dos Medalhões, o Pátio dos Pináculos, o Museu Arqueológico, o Pátio dos Cavalheiros, a Escada de Honra, o Refeitório e a Biblioteca são espaço de arte enobrecidos pela presença de monges voltados para o alto. Antes do regresso saboreie o licor Eucaliptine elaborado conforme a boa tradição monacal.



ora et labora

ROTA CISTERCIENSE

ALTO-MINHO / GALIZA

## A ORDEM DE CISTER

Fixada em Portugal desde o século XII, a Ordem de Cister acompanhou a formação do território e a afirmação política da primeira dinastia.

Ordem contemplativa na sua essência, os cistercienses, enquanto beneditinos reformados, não deixaram de valorizar a oração e o trabalho (ORA ET LABORA) como um binómio basilar na sua vivência comunitária. Procurar Deus e orar era melhor em silêncio, o que motivou a busca de lugares afastados das grandes cidades.

Os mosteiros tinham designações baseadas na natureza, obedeciam, quando criados de origem, a um modelo-tipo: respondiam às exigências de funcionalidade e economia de espaço e de movimento abolindo o supérfluo. O conjunto monacal articula a vida e as obrigações distintas de monges, noviços e conversos. Eram caracterizados pela racionalidade na articulação dos espaços e despojamento de elementos decorativos. Usavam soluções locais com materiais disponíveis e tradições culturais existentes. O seu revestimento era branco.

Na abadia os monges oravam, ilustravam-se na Lectio Divina, geriam a propriedade monástica no seu todo, celebravam e ensinavam (por vezes). Este esquema de organização foi um dos motivos do êxito de Cister, principalmente em termos económicos. A hidráulica, a metalurgia, a mineração, muitas técnicas agrícolas, a piscicultura, entre outras inovações muito devem ao labor dos monges brancos.

## MOSTEIRO DE SANTA MARIA DO ERMELO

Olhamos a paisagem e localizamos o laranjal do Ermelo, fruto da acção dos monges e do microclima.

Fomos descendo a encosta e agora podemos admirar o conjunto monacal de Santa Maria do Ermelo.

Percorremos séculos de história, tendo como referência o século XIII.

A leitura das pedras medievais, com arcos, capitéis e decoração vegetalista misturados com vultos de monges brancos entoando salmos em canto gregoriano dá oportunidade a saborear ambientes místicos.

A manifestação da romaria sem sol, em honra de São Bento, é uma manifestação que nos leva por caminhos íntimos.

A escultura / imagem do São Bentinho do Ermelo é fruto de um imaginário ancestral e local, onde o chapéu desempenha função de devoção.



## MOSTEIRO DE SANTA MARIA DE FIÃES

A igreja românica de Fiães tem sido uma das mais debatidas, na questão da organização espacial e estrutural entre cluniacenses e cistercienses. A maioria dos autores tem considerado o templo como uma obra unicamente cisterciense, mas indícios há que apontam para que, pelo menos, parte do monumento que chegou até nós seja anterior, da época em que o cenóbio era regido por monges beneditinos.

Sabemos que estes detinham a propriedade nos meados do século XII, altura em que D. Afonso Henriques coutou o mosteiro. Na segunda metade da centúria, passou para a posse da Ordem de Cister, em data ainda desconhecida, mas que se deverá situar entre 1173 e 1194, filiando-se, então, em São João de Tarouca.



O plano do corpo, organizado em três naves de quatro tramos, separadas por arcarias longitudinais de arcos de volta perfeita, denuncia um modelo planimétrico estritamente beneditino e aplicado ao longo de todo o século XII nos maiores mosteiros da Ordem de Cluny em Portugal.

Mais pacíficas parecem ser as obras patrocinadas pelos cistercienses, a partir do 3º quartel do século XII. A cabeceira tripartida e escalonada, com planta quadrangular, é um dos aspetos mais característicos desta renovação, por oposição à preferência beneditina por modelos de capela-mor e absidiolos de planta circular. A abside, de dois tramos e abóbada de berço quebrado, é iluminada por duas frestas, e toda esta parte tem vindo a ser considerada como uma realização programada segundo o melhor espírito cisterciense.

A semelhante conclusão chega-se ao analisar outras partes do conjunto. Uma delas é a sua decoração, caracterizada por uma quase total ausência de motivos ornamentais, opção que se adapta, na perfeição, aos principais valores da Ordem: simplicidade, austeridade e pragmatismo.

Atravessar a alameda com os carvalhos plantados pelos monges é constatar testemunhos seculares.